

Janela indiscreta do isolamento

Logo no início da quarentena, conquistei o primeiro amigo da temporada enquanto me exercitava na varanda do meu apartamento. Miguel, um menino lindo, com cerca de 5 anos, que me observava da janela do seu prédio, distante uns 20 metros do meu. Quando nossos olhares se cruzavam, ele baixava o dele, tímido. No final daquela semana, ele apareceu com a mãe que o incentivou a corresponder ao meu aceno. Eu disse “oi, qual é o seu nome?” e quem respondeu foi a mãe “esse é o Miguel, faz tchau para a tia, filho!”. Mande um beijo, um coração com as mãos e segui com meus polichinelos e alongamentos. Ele, já mais à vontade, ria de mim. Passou a ser meu seguidor matinal, colocando os bracinhos entre as redes e aplaudindo meus movimentos. Em algumas manhãs, quando me bate aquela preguiça, lembro do Miguel e pulo da cama. Ele está sempre lá, em sua janela, me esperando para nossas trocas de acenos, beijos e sorrisos.

Percebi, logo no início da quarentena, que ter uma rotina me ajudaria a encarar o isolamento com mais serenidade. Com a repetição dos horários, além de Miguel, outros relacionamentos surgiram. Incrível! Uma quarentena mostrando vizinhos que eu nunca havia notado! As varandas do prédio do Miguel me fornecem um vasto material para observações durante o banho de sol, das 11 ao meio dia. No 6º andar há um pássaro na gaiola, constantemente visitado por um senhor já passado de seus 80 anos. Fumante inveterado, me viu em uma de suas várias idas à varanda para o pito e para conversar com o pássaro. Hoje faz sempre o aceno à vizinha aqui. Eu dou um sorriso de desaprovação ao cigarro, ele entende e me retorna com um olhar de “pois é, nesta idade...” e segue com seu prazer.

Um pouco abaixo, uma moça de uns 30 anos iniciou a quarentena com alguma atividade física leve como a minha, usando garrafas pet como pesos. Mas conforme as semanas passavam notei que suas compras foram chegando. Primeiro trocou as garrafas por um belo par de pesinhos, depois levou à varanda uma caminha elástica. As semanas passaram e surgiu, pendurado no teto, um saco de pancadas recebendo muitos socos e chutes da moça. Quando eu achava que a academia estava completa, no fim de maio entrou em cena uma bicicleta ergométrica profissional! Eu, sentada para o banho de sol e ela lá, pulando, pedalando, super em forma, fanática. Só perde uns segundos para mandar um oi para a vizinha aqui da frente. Ver tanto movimento acaba me incentivando a não parar, a seguir minha rotina de exercícios e banho de sol.

E os gatos e cachorros? São tantos! Os gatos passam horas deitados entre as janelas e as telas de proteção, tranquilões, com aquela paciência que eu gostaria de ter nestes meses de reclusão. Os cães correm até as janelas, dão uma olhadinha e, quando percebem que eu os vi, retornam correndo para

dentro de casa. Voltam, dão outra olhadinha e correm para dentro. Não entendo muito o significado desta brincadeira, mas já soube que eles andam muito felizes, pois com seus donos o dia todo em casa, estão recebendo mais atenção do que nunca!

Um hábito intensificado no isolamento foi, como diz minha irmã, a terapia: ter-a-pia sempre com algo para lavar. Ali tive minha maior surpresa da temporada: a cozinha é dos homens! Em frente à minha pia há uma janela de 2 metros que, após espaço interno do edifício, me mostram as mesmas janelas do outro bloco. Como estou no 6º andar, tenho ótima visão das cozinhas dos apartamentos 51, 61 e 71, onde os homens é que dominam os espaços, antes ocupados pelas empregadas.

Apesar de se falar tanto em home office, no 51 o que ocorre é kitchen office. O morador passa todas as manhãs (menos aos domingos) andando de um lado para o outro com celular e fone de ouvido, gesticulando nervoso. Chego a sentir seu estresse ao ver tanta agitação! Lá pelo meio dia e meia parece que as reuniões acabam, pois a esposa e o filho entram no “escritório”, fazem seus pratos aquecidos no microondas e saem para comer fora do alcance da minha visão. Após um tempinho, é novamente o marido que entra para lavar a louça, limpar bancadas e em seguida iniciar as reuniões da tarde, em seu kitchen office. Muito estressante o dia dele, às vezes chego a me preocupar com tanta movimentação corporal.

Vejo também o morador do 61, família bem discreta, com cortinas da cozinha sempre fechadas. Mesmo assim, pela transparência do tecido, é sempre ele que identifico por lá. Nunca a esposa ou a filha. Pelo jeito ele prepara as refeições, serve na sala, lava e arruma o espaço. Marido exemplar!

Eu até vejo a “mãe” do apartamento 71 algumas vezes na cozinha, mas é o “pai” que domina o espaço, sempre com avental sobre a roupa de ginástica. Volta e meia nos cumprimentamos com sorrisos ou acenos que certamente querem dizer “pois é, o trabalho na cozinha nunca acaba...”.

Dizem que paulistano é uma gente pouco comunicativa, que só trabalha, não olha para os lados, não pode parar. Fama justa ou injusta? O que sei é que a quarentena me obrigou a parar, olhar para os lados, pensar e reconhecer pessoas, identificar-me e até, com olhares, trocar lamentos e receber incentivos. Quando tudo passar, quero conversar com a ‘moça da ginástica’, quero ver de perto a ave do senhor fumante, quero saber como a ‘mãe’ conseguiu que o ‘pai’ fizesse todo o serviço da casa e, principalmente (muito principalmente) dar um grande abraço no Miguel.

Codínome de autor: James Stewart